



Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Respeito a Niemeyer

O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) apresentou denúncia criminal contra o arquiteto Oscar Niemeyer, em 2014. Detalhe: Niemeyer havia morrido em 2012. O promotor responsável pelo caso argumentou: "Foi um mero equívoco, uma bobagem, e que foi rapidamente corrigida".

De fato, foi um pequeno deslize, mas um deslize revelador do desconhecimento

tanto sobre Oscar Niemeyer quanto das relações entre a arquitetura moderna e a engenharia. O MPDFT acusa a empresa Arquitetura e Urbanismo Oscar Niemeyer Ltda. de cometer irregularidades na construção da Torre Digital, a última obra de Niemeyer inaugurada em Brasília.

A lei de licitações para construção de edifícios públicos é igual para todos. Mesmo assim, ela é obrigada a render-se ao talento e abrir uma exceção. A concorrência pública para projetos arquitetônicos dispensa licitação em caso de "profissionais com notória especialização". E esse é, evidentemente, o caso de Niemeyer, um dos mais importantes arquitetos modernos.

No entanto, o MPDFT acusa a empresa de Niemeyer de contratar sem licitação os serviços de engenharia e de beneficiar-se com o contrato firmado com o GDE. O problema é que todos os edifícios de Niemeyer em Brasília foram construídos segundo o modelo de "contratação casada de arquitetura e engenharia".

Os monumentos provocaram espanto mundial, não apenas pela beleza de suas curvas barrocas, mas também pela tecnologia das construções, com o equilíbrio delicado e os grandes voos de imaginação, que parecem desafiar a lei da gravidade. É o que podemos apreciar no Palácio da Alvorada, na Catedral Metropolitana de Brasília, no Palácio do Planalto, nas duas cúpulas invertidas do

Congresso Nacional, no Tribunal de Justiça, nas escadarias em curvas rasantes ou nos grandes vãos do Palácio do Itamaraty.

Os palácios que parecem flutuar no espaço só foram possíveis graças à parceria entre arquitetura e engenharia. Quando Niemeyer apresentou pela primeira vez os seus desenhos aos engenheiros convencionais, eles sentenciaram que seria impossível transformar aqueles croquis em edifícios sólidos e seguros. Ele encontrou a parceira perfeita na personalidade singular do engenheiro calculista Joaquim Cardozo, que tinha uma cabeça de poeta.

Cada desenho do arquiteto era um desafio que ele tentava resolver como se fosse encontrar a fórmula ideal de um

poema: "As estruturas planejadas pelos arquitetos modernos são verdadeiras poesias", dizia Cardozo: "Trabalhar para que se realizem esses projetos é concretizar uma poesia". Com a morte de Cardozo, Niemeyer firmou longa e fértil parceria com o engenheiro calculista José Carlos Sussekind.

A denúncia do MP revela desconhecimento elementar sobre as relações entre arquitetura moderna e engenharia. Nós, os brasileiros, costumamos tratar nossos gênios a pauladas. A lista é grande: Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, Glauber Rocha, Oswald de Andrade, Augusto dos Anjos e Tom Jobim. Por tudo que fez pelo Brasil, Oscar Niemeyer merece mais respeito.

PROJETO SOCIAL / Especialista na arte de transformar a planta, comum no Brasil, em objetos artesanais ensina mulheres da Chapadinha, na zona rural de Brazlândia, a dominar a técnica. A ideia é que, com o aprendizado, elas possam incrementar o orçamento



O que quero mostrar é que ele (o capim-colonião) pode ser transformado em arte"

João da Fibra, professor e artesão

Ganhamos muito pouco. Isso vai ser uma ótima fonte para termos uma vida mais tranquila"

Marli da Cunha Castro, artesã

Sempre trabalhei na roça, mas acho que isso pode me ajudar a conseguir uma renda melhor"

Diana Alvez Custódio, aluna do projeto

Nas tramas do capim-colonião

» RAFAEL CAMPOS

Quase mil quilômetros separam o município piauiense de Gilbués e a capital do Brasil. Como tantos outros, desde 1960, Diana Alvez Custódio, 33 anos, veio do Nordeste na expectativa de encontrar no cerrado uma melhor condição de vida. E o caminho que ela escolheu foi o artesanato. Enrolando vagarosamente o capim-colonião, ela aprendeu durante duas semanas com um dos mestres, João da Fibra, como transformar a beleza da natureza em arte. "Essa é a primeira vez que tenho contato com o artesanato. Sempre trabalhei na roça, mas acho que isso pode me ajudar a conseguir uma renda melhor", espera Diana, acompanhada da filha, Bárbara, de 1 ano.

João foi professor dela e de outras 10 mulheres que vivem na Chapadinha, zona rural de Brazlândia. Durante o período do curso, elas puderam entender melhor como a delicadeza do capim pode se converter em bolsas, cestos e objetos de decoração. "O capim-colonião sempre foi tratado como um alimento para gado. O que quero mostrar é que ele pode ser transformado em arte, que é uma dádiva da natureza e está aí, fácil para ser conseguido", explica João da Fibra. Trabalhando com artesanato desde os 13 anos, ele é hoje um dos mais consagrados artesãos do país e o único que consegue lapidar tão bem essa matéria-prima.

Só que ele não quer ser o único. E é por meio das mulheres da Associação das Donas de Casa de Chapadinha e Circunvizinhanças que João espera conseguir deixar seu conhecimento. "Sempre tive medo de morrer e não deixar o meu legado. Para que isso não aconteça, é preciso ensinar as pessoas. A ideia de colocar isso para a frente existe para manter essa história. Sou um discípulo e quero deixar novos discípulos." O curso, que tem apoio do Serviço Nacio-

Fotos: Minervino Junior/CB/D.A Press



Objetos produzidos durante o curso com as mulheres de Chapadinha: bolsas, cestos e objetos decorativos feitos com plantas encontradas no mato

nal de Aprendizagem Rural (Senar-DF), encerra-se hoje e outro grande desejo de João é que mais pessoas possam visitar a área rural, conhecendo de perto não só o trabalho que suas alunas deixaram no capim, mas todos os outros que, nas mãos delas, reforçam o artesanato do Centro-Oeste. Para, ao mesmo tempo, conhecer a história dessas pessoas. Afinal, como não ser cativado pelo encantamento infantil de uma senhora de 78 anos enrolando fibras de capim? Lindalra Carvalho da Silva, presidente e fundadora da associação, não esconde o quanto está empolgada em

conseguir aprender uma nova forma de artesanato. "Eu me sinto como uma criança de 10 anos. Até tive dificuldades no começo, porque sou canhota, mas, depois que aprendi, agora não quero mais parar."

Comunidade

O entusiasmo de Lindalra não se limita ao conhecimento adquirido. Lutando há mais de 30 anos para trazer melhorias para as mulheres da Chapadinha — "Tudo começou porque a gente precisava de uma creche para que elas pudessem deixar os filhos e irem

trabalhar", lembra —, a presidente da associação se anima com a possibilidade de o capim que ela via diariamente em todas as propriedades da região se tornar algo capaz de trazer dinheiro para as associadas. "Antigamente, não éramos tão respeitados. Hoje, eu me sinto feliz de ver que todas as mulheres estão conseguindo trabalhar, fazer qualquer tipo de bordado, qualquer tipo de roupa e estão querendo aprender mais técnicas para conseguir ainda mais serviços", completa.

Essa é a esperança da artesã Marli da Cunha Castro, 60. Moradora do Incra-8, ela trabalha há 20

anos com a fibra da bananeira, mas confessa: descobrir o capim-colonião a fez querer mudar de matéria-prima imediatamente. "Acho que, dificilmente, vou voltar para a fibra, porque o capim é muito bom. Agora, meus olhos o enxergam em todos os lugares", garante. Marli explica que o momento é de aperfeiçoar a técnica para conseguir, de fato, um incremento na renda. "Nosso projeto é que possamos trabalhar bem com ele para que consigamos um aumento, porque todos aqui precisamos. Somos da área rural, ganhamos muito pouco. Isso vai ser uma ótima fonte para termos uma vida mais tranquila."

» Para saber mais

Herança africana

O capim-colonião chegou ao Brasil nos navios negreiros, no qual era usado como cama pelos escravos trazidos da África. Apesar da origem trágica, ele encontrou no país um clima propício à sua fertilidade, o que explica a facilidade que ele tem de ser encontrado em todo o Brasil. De acordo com João da Fibra, o capim-colonião pode ser coletado até três vezes no ano e, guardado congelado, pode ser mantido pronto para ser trançado em qualquer época.

O trançado simples usa quatro fios de capim. João o chama de DNA humano, pois imita a cadeia do composto orgânico que coordena o desenvolvimento dos seres vivos. "A gente vai torcendo de cima para baixo e vai se formando a trama. A ideia é que os alunos aprendam a manipular vários fios de capim. Hoje, um aluno inicial não consegue passar de seis, mas é possível trabalhar até 50 fios ao mesmo tempo", garante.

» Quer ajudar?

A Associação das Donas de Casa de Chapadinha e Circunvizinhanças precisa, com urgência, de um freezer, novo ou usado, para guardar o capim-colonião que será usado para criar as obras de arte após o curso do mestre João da Fibra. Quem quiser ajudar pode entrar em contato com a presidente, Lindalra Carvalho da Silva, no telefone (61) 98455-2900.